



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PSICOPEDAGOGIA

YLANDERSON JORDÃO ABREU DA SILVA

“... NÃO É TUDO SOMENTE SEXO”: A EDUCAÇÃO SEXUAL NA
PRÁTICA PSICOPEDAGÓGICA

Orientador: Prof. Dr. Joseval dos Reis Miranda

JOÃO PESSOA

2017

YLANDERSON JORDÃO ABREU DA SILVA

**“... NÃO É TUDO SOMENTE SEXO”: A EDUCAÇÃO SEXUAL NA PRÁTICA
PSICOPEDAGÓGICA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao curso de Bacharelado de
Psicopedagogia do Centro de Educação
da Universidade Federal da Paraíba,
como requisito parcial para a obtenção
do grau de Bacharel em Psicopedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Joseval dos Reis
Miranda

Aprovado em: 31 de Maio de 2017.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Joseval Dos Reis Miranda (Orientador)
Universidade Federal da Paraíba



Profa. Dra. Mariana Lins de Oliveira (Convidada)
Universidade Federal da Paraíba



Profa. Dra. Jeane Félix da Silva (Convidada)
Universidade Federal da Paraíba

S586n Silva, Ylanderson Jordão Abreu da.

“...Não é tudo somente sexo”: a educação sexual na prática psicopedagógica / Ylanderson Jordão Abreu da Silva. – João Pessoa: UFPB, 2017.
36f.

Orientador: Joseval dos Reis Miranda
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação em Psicopedagogia) – Universidade Federal da Paraíba/Centro de Educação

1. Educação sexual. 2. Psicopedagogia. 3. Prática psicopedagógica. I. Título.

UFPB/CE/BS

CDU: 612.6.057(043.2)

“...NÃO É TUDO SOMENTE SEXO”: A EDUCAÇÃO SEXUAL NA PRÁTICA PSICOPEDAGÓGICA

RESUMO

Sabendo que no contexto social as manifestações da sexualidade estão presentes e que estão relacionadas à aprendizagem, o/a psicopedagogo/a se depara com situações que geram questionamentos e diálogos sobre o assunto. Nessa perspectiva, este artigo tem o objetivo geral de compreender o entendimento dos/as profissionais graduados/as em Psicopedagogia acerca da relação com a Educação Sexual na formação e na práxis psicopedagógica. Assim, o artigo encontra-se estruturado em três eixos de fundamentação, dos quais são vistos, no primeiro momento, o destaque às questões da Educação Sexual por Furlani (2011); e na segunda e terceira parte, autores/as como Bossa (2007), Weiss (2007) e Pain (2013) esclarecem sobre a grande área da Psicopedagogia e a relação com a Educação Sexual. O artigo trata-se de um estudo exploratório, desenvolvido com graduados/as em Psicopedagogia, adotando questionários e o documento do PPC do curso em relação a questões da Educação Sexual na prática e formação do/a Psicopedagogo/a. De maneira geral, este artigo fornece uma visão da educação sexual no que diz respeito à prática do/a Psicopedagogo/a, ainda compondo discussão da pesquisa realizada com os/as profissionais sobre educação sexual, políticas que a moldam e como ela pode inferir na prática e formação profissional. As opiniões, de maneira geral, apresentaram-se de maneira diversificada quanto à temática sendo relatada como imprescindível na compreensão de diferentes problemas de aprendizagem. É imprescindível que o/a psicopedagoga conclua o curso ciente de conhecimentos teóricos para que na prática se tenha condições de desenvolver bons estudos na educação sexual.

Palavras-chave: Educação Sexual. Psicopedagogia. Prática Psicopedagógica.

1 INTRODUÇÃO

Virgindade. Sexo. Orgasmo. Masturbação... Assuntos como esses são bastante evitados na sociedade, acreditando ser por motivos da introdução de barreiras discursivas fazendo deles espécies de tabus sociais de causar vergonha em algumas pessoas devido a tudo que envolvesse sexualidade relacionar-se apenas ao sexo, como as diferentes formas de relação sexual, o toque de mãos e até a visão do próprio corpo era considerado coisa pecaminosa e proibida (GOMES, 2016). Por tudo isso, natural seria evitar e gerar uma resistência do pensamento humano influenciado pelas questões de valores morais, religiosos, preconceituosos, entre outras.

Tendenciosamente levada pela crítica pessoal da autora sobre a educação sexual, Felizari (1989) preocupa-se em conceituar a Educação Sexual como aquela que:

[...] consiste em propiciar experiências que auxiliem o ser humano a viver e expressar o amor através do sexo, com a aceitação do papel sexual correspondente. A educação sexual significa muito mais do que a instrução a respeito dos fenômenos da reprodução, vistos como princípios biológicos ou fisiológicos. Significa, na verdade, um processo progressivo de orientação e de exemplo, assim como de informação. (FELIZARI, 1989, p. 30).

Nesse sentido, acredita-se na importância do exercício da educação sexual não somente pelo lado “frio” caracterizado apenas pelo ensino acerca dos aspectos da fisiologia sexual, mas por noções profundas e cheias de decência e humanismo em uma criticidade das nossas expressões culturais e pessoais. Encarar uma criança como assexuada ou longe de saber sobre as questões de gênero e sexualidade conduz o pensamento humano ao preconceito e discriminação.

De acordo com Nunes (2005), a cultura deve ser colocada em questão para discutir sobre educação sexual. Seria a cultura um fator importante para uma tomada inteligente de consciência, da qual a “educação sexual deixaria de ser apenas um aglomerado de noções estabelecidas de psicologia e moral” (VASCONCELOS, 1971 *apud* NUNES, 2005). Portanto, geraria a beleza expressa de modo pessoal e mais erotismo significativo ao amor, tratando o sexo com mais naturalidade.

Segundo a Organização Mundial de Saúde (2002), o sexo e suas atribuições são classificados como um dos quatro pilares da qualidade de vida, assinalando os demais estruturados a partir da saúde (física, mental e espiritual), o trabalho (financeiro, carreira e satisfações) e as questões pessoais (lazer, autoconhecimento e papéis sociais). Desta maneira,

as temáticas relacionadas à educação sexual são importantes à sociedade, abordada também como uma vértebra fundamental dos/as professores/as institucionais.

Este estudo apresenta a concepção dos/as profissionais da Psicopedagogia sobre a educação sexual na prática psicopedagógica a fim de desenvolver reflexões sobre a temática na graduação de Psicopedagogia da UFPB e na *práxis* do/a profissional em atuação. É relatado sobre Educação Sexual para que a sociedade, englobando também o corpo acadêmico, se “acostume” e desmistifique as questões como um fator proibido entre adultos/as e crianças; além de descrever sobre o entendimento dos profissionais da área sobre a Educação sexual e a relação com a prática psicopedagógica.

Mediante o exposto, o artigo tem o objetivo geral de compreender o entendimento dos profissionais graduados em Psicopedagogia da UFPB em função da relação com a Educação Sexual na formação e prática psicopedagógica, tendo como objetivos específicos: analisar os relatos de como descrevem e discutem as questões relacionadas à sexualidade e gênero no curso; analisar as percepções sobre o conceito de educação sexual e a relação com a Psicopedagogia; e analisar de qual forma aparecem às questões da sexualidade e gênero no currículo do curso de Psicopedagogia. Ademais, busca-se identificar sobre as situações vivenciadas no exercício profissional como psicopedagogo que necessitou de conhecimentos referentes às questões da Educação Sexual.

O artigo trata-se de um estudo exploratório, descritivo e de abordagem qualitativa desenvolvida com 22 profissionais graduados/as em Psicopedagogia, adotando questionários semiestruturados e fazendo do PPC¹ em relação a questões da Educação Sexual tanto na prática Psicopedagógica como na formação do/a Psicopedagogo/a. Além disso, o artigo encontra-se estruturado em três eixos principais de fundamentação, ainda contendo os procedimentos metodológicos, resultados e discussão dos dados coletados, e por fim as considerações finais.

De maneira geral, este artigo fornece uma visão da educação sexual no que diz respeito à prática do/a Psicopedagogo/a, ainda compondo discussão da pesquisa realizada com os/as profissionais sobre educação sexual, políticas que a moldam e como ela pode inferir na prática e formação profissional.

¹ Projeto Político Pedagógico do Curso de Psicopedagogia.

2 A SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO SEXUAL

Educar sexualmente não é algo exato, algo aplicado à mecânica ou uma certeza de que “base vezes altura” poderia encontrar a área de um retângulo. Falar desse assunto não é algo tão simples, mas que uma hora precisamos dar o primeiro passo, procurando conversar ou apresentar atitudes positivas de maneira honesta e significativa.

No início do século XVII, a sexualidade era vista e discutida com naturalidade em várias esferas, inclusive na frente das crianças, em conversas abertas, sem nenhuma repressão devido à representatividade da criança como um/a adulto/a em escala reduzida, do qual, no século XVIII, este contexto mudou radicalmente, percebendo que a criança não poderia ser tratada de maneira igual a um adulto. A criança passa a ter sua sexualidade negada, como se fosse um ser assexuado. Falar em sexualidade havia tornado-se proibido. (SERVELO, 2007)

Esse fato é desmentido a partir dos estudos de Freud (1856-1939) que deu um inegável contributo à sexualidade contemporânea. As suas formulações teóricas sobre a natureza das perversões sexuais, o desenvolvimento psicosexual e a importância da sexualidade na psicopatologia e no psiquismo da pessoa humana inspiraram muitos/as autores/as, estudos e debates na comunidade científica e não só. Além disso, Freud (1915 *apud* PAOLETTI, 2007) teria criado as condições para que se pudesse falar efetivamente de sexualidade, já que antes se falava de sexualidade para não falar, para mantê-la em silêncio com o discurso de ser evitado socialmente.

Percebemos quão presente está à sexualidade na vida das pessoas. Ela agrega aspectos individuais, sociais e culturais pautadas em histórias, mitos, símbolos e experiências advindas da própria infância, e se exacerba principalmente, na fase da adolescência na socialização com amigos, família, mídia e escola (SILVA; NETO, 2006).

De acordo com Montardo (2008) estudos têm mostrado que a orientação e temáticas relacionadas à sexualidade não é função exclusivamente de ensinagem apenas por parte do/a professor/a, mas de um/a profissional que mobilize o ambiente escolar e com capacidade de articular conteúdos e criar contextos pedagógicos adequados para reflexões e debates de ideias.

Nesse sentido, as escolas são reconhecidas como tendo um papel importante no impacto positivo e sustentado na saúde e bem-estar das pessoas. Todos os/as alunos/as precisam de ajuda para confiança, consciência e autoestima, que por sua vez os ajudarão na gestão e negociação de suas relações pessoais.

Deste modo, é necessário considerar o que justifica e como se sustenta a atual inserção desse tema na escola, pois a sexualidade humana, equacionada como um problema social, diante do qual a escola é convocada a intervir, imprime diretrizes no desenvolvimento do trabalho.

A educação sexual incide pela esfera biológica, porém, essa abordagem, que leva em consideração a saúde sexual, não poderia ser a única, “implicando em um currículo limitado e reducionista” (FURLANI, 2011, p.16). Para Guacira Louro (1999, p.140), a contínua preponderância deste enfoque pode, até mesmo, “rodear o exercício da sexualidade de uma aura de perigo e de doença”.

As abordagens citada por Furlani ainda destacam sobre a educação sexual nas abordagens dos “Direitos Humanos”, “Direitos Sexuais” e da “Pedagogia Queer”, das quais são contrárias às abordagens tradicionais – biológica, religiosa, [...] - também conceituada pela autora.

Em 2016, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) no Brasil relatou sobre a importância de o debate sobre as questões sexuais e de gênero contribuir para uma educação de qualidade, equidade e inclusiva, reforçando a ideia de que a legislação brasileira e os planos de educação possam incorporar perspectivas de educação achedado à temática da sexualidade. Foi enfatizado também que estratégias educacionais em sexualidade e o ensino de gênero nas escolas são essenciais para prevenir toda e qualquer forma de violência, em especial a violência de gênero.

Na escola, é visto que os/as profissionais, inclusive na visão psicopedagógica o interesse em pensar juntamente com as políticas públicas podem possibilidades didático-metodológicas que contribuam para a construção de uma sociedade menos sexista e menos homofóbica.

As pessoas precisam de apoio e informações precisas que sejam relevantes para suas experiências. O ensino sobre as diversidades de relacionamentos ocorrerá dentro das diretrizes da política de cada escola, dos quais os elementos sobre relações ligadas à sexualidade, incluindo relacionamentos de homossexuais, heterossexuais e bissexuais, são partes importantes da Psicopedagogia em ajudar crianças e jovens a entender as situações e sentimentos que podem experimentar.

Em suma, as pessoas têm o direito de levar uma vida saudável à medida que a sociedade se desenvolve e precisa descrever sobre informações honestas e apropriadas para a idade de que necessita para viver uma vida saudável e construir relacionamentos saudáveis. Diante disso, é importante que os/as profissionais envolvidos/as diretamente à educação

conheçam sobre as questões voltadas à educação sexual a partir da sua perspectiva do conhecimento que engloba sua área de atuação.

3 COMPREENDENDO A PSICOPEDAGOGIA

Para entender sobre a Psicopedagogia é necessário caracterizar sobre seu desenvolvimento do processo histórico epistemológico de surgimento e das práticas gerais e inter-relacionadas com o Brasil e a Argentina. É viável também assinalar a compreensão a partir dos conceitos gerais de teóricos/as brasileiros/as sobre o embasamento do trabalho psicopedagógico a fim de elucidar também seu campo de atuação e objeto de estudo.

A Psicopedagogia, de fato, surge nos estudos clássicos europeus marcados fortemente pela literatura francesa, a partir de autores como Maurice Debesse, Janine Mery, Pichon-Revière e outros demais citados em trabalhos na Argentina (BOSSA, 2007). Apesar de sua alusão na Argentina ser muito importante na explicação do surgimento da Psicopedagogia, é na Europa que, ainda no século XIX, as pesquisas sobre aprendizagem entre psicólogos/as, médicos/as e educadores/as enfatizam primitivamente sobre as questões orgânicas do não aprender como uma anormalidade e que precisava ser tratada.

Janine Mery usando o termo de psicopedagogia “curativa” (1985), já explicava a respeito de uma determinada ação terapêutica que consideraria por meio os enfoques psicológicos e pedagógicos para tratar crianças que tinham fracasso escolar como método de readaptação do aluno (BOSSA, 2007).

Esta preocupação com o/a aluno/a chega a estudos argentinos como principal sítio de pesquisas na América do Sul e facilitado geograficamente ao acesso mais rápido ao Brasil.

Já no Brasil, a psicopedagogia se estrutura como um corpo de conhecimentos multidisciplinares na qual é tratada – vista por grande parte dos profissionais da área e no próprio processo de formação – em querer resgatar uma percepção dos processos de aprendizagem através das **dificuldades, problemas e/ou transtornos da aprendizagem** [grifos nossos]. Essa visão é caracterizada, muitas vezes, devido à mania nociva de *patologizar* uma criança que apresente alterações e obstáculos em sua aprendizagem, deixando de lado a importância de atuar nos processos da aprendizagem e na identificação de que o/a aluno/a aprende e pode reconstruir sua aprendizagem.

Em 1960, o profissional da área expande-se no país que, segundo Scoz (2013, p.21), com a finalidade “que encarava os indivíduos com dificuldades na escola como portadores de disfunções psiconeurológicas, mentais e/ou psicológicas”.

O curso é mais propagado no país como especialização, do qual o/a profissional tipicamente é graduado/a normalmente em Psicologia ou Pedagogia e, uma pequena parcela como graduação, formando profissionais bacharéis em Psicopedagogia Institucional e Clínica. Ademais, há muitos cursos de formação psicopedagógica de caráter especialização no país, enquanto em seu nível de graduação pode-se contar nos dedos o número de instituições que oferecem, a exemplo da Universidade Federal da Paraíba, existente desde 2009.

Em 1980 surge o primeiro curso de Psicopedagogia em São Paulo que resulta na fundação da Associação Paulista de Psicopedagogia, atual Associação Brasileira de Psicopedagogia - ABPP, iniciando suas atividades em 1980 com a promoção de encontros e palestras de Psicopedagogos/as. A ABPP norteia esta profissão, sendo responsável pela organização de eventos, pela publicação de temas relacionados à Psicopedagogia e no cadastro dos/as profissionais.

Buscando documentar os direitos e deveres do/a profissional psicopedagogo/a e explicitar as relações que o profissional deve ter na sociedade, a ABPP (2011) desenvolveu o Código de Ética da Psicopedagogia² reforçando também a explicativa sobre a atuação psicopedagógica:

Artigo 1º A psicopedagogia é um campo de atuação em Saúde e Educação que lida com o processo de aprendizagem humana; seus padrões normais e patológicos, considerando a influência do meio _ família, escola e sociedade _ no seu desenvolvimento, utilizando procedimentos próprios da psicopedagogia.

Parágrafo único: A intervenção psicopedagógica é sempre da ordem do conhecimento relacionado com o processo de aprendizagem.

A evolução dos problemas ligados à aprendizagem e a preocupação com a insuficiência dos êxitos escolares faz com que a psicopedagogia nasça no Brasil com a intenção primordial na concepção maximizada relacionada à aprendizagem. Estes problemas têm fundamentado sobre a psicopedagogia como seu objetivo e prática. Investigar sobre os processos de aprendizagem é uma prática comum do/a profissional em Psicopedagogia que realiza avaliações e intervenções na aquisição do conhecimento.

Artigo 5º - O trabalho psicopedagógico tem como objetivo: (i) promover a aprendizagem, garantindo o bem-estar das pessoas em atendimento profissional, devendo valer-se dos recursos disponíveis, incluindo a relação interprofissional; (BOSSA, 2010 p. 35).

² Reformulado pelo Conselho da ABPP, gestão 2011/2013 e aprovado em Assembleia Geral em 5/11/2011 disponível em: <<http://www.abpp.com.br>>.

Sobre esse aspecto, Weiss (2007) salienta também sobre a importância dos estudos psicopedagógicos na busca pela qualidade nas relações da aprendizagem humana com uma ideia de desejo enquanto pessoa, de que podemos construir melhor nossas próprias aprendizagens.

Nas perspectivas recentes da atuação em Psicopedagogia, é merecido destacar pontos importantes que enfatiza ao enfoque apresentado tanto no curso de especialização como também na graduação psicopedagógica: os aspectos preventivo e interventivo dos processos da aprendizagem.

De primeira instância, o trabalho preventivo trata-se de atuar nas questões metodológicas e dos processos educativos do/a aprendente, fazendo com que este/a não precise ser “remediado/a” por frequência dos problemas da aprendizagem e conseqüentemente podendo suprimir dificuldades daquilo que se tornariam futuros transtornos da aprendizagem (BOSSA, 2007).

Em relação à prática terapêutica, a pessoa em aprendizagem é recebida por meio de investigação psicopedagógica que deverá dar sentido aos processos de intervenção. Ainda de acordo com Bossa (2007, p.24) “o trabalho clínico se dá na relação [...] com o sujeito de forma a favorecer a aprendizagem”.

A intervenção do/a psicopedagogo/a tem um caráter preventivo e sua atuação inclui orientar a família, auxiliar os/as professores/as e demais profissionais em relação às questões pedagógicas, colaborar com a direção para que haja um bom entrosamento entre todos/as integrantes da comunidade escolar e principalmente, ajudar o/a educando/a.

A Psicopedagogia educacional pode assumir tanto um caráter preventivo bem como assistencial. Atuando de forma preventiva, percebendo eventuais perturbações no processo de ensino-aprendizagem, realizando processos de orientação. Já quanto à atuação no caráter assistencial, participa na elaboração de planos e projetos, propondo que professores/as, coordenadores/as e diretores/as possam repensar o papel da escola frente ao seu trabalho desenvolvido e às necessidades individuais de aprendizagem. (GALLINA; DA COSTA, 2014).

De um modo geral, a intervenção ou reeducação psicopedagógica será direcionada ao acompanhamento por sessões interdisciplinares, pelos métodos psicopedagógicos específicos ligados às alterações da aprendizagem manifestadas durante o processo de aprendizagem.

Em qualquer caso tipo dos casos, a literatura científica recente assim como a opinião de especialistas, concorda com a necessidade de que uma intervenção seja realizada o mais cedo possível, assim como a importância de uma coordenação adequada entre escola e

especialistas que realizam de maneira séria tanto na hipótese diagnóstica como na própria intervenção.

Tendo em vista a perspectiva de promoção à aprendizagem que o/a psicopedagogo/a deve proporcionar o/a aluno/a, o respaldo do trabalho com a educação sexual não podem ser imêmore da sua prática por muitas vezes existir uma falta de espaços discursivos nos contextos sociais e familiares, que podem gerar algumas relações com a aquisição do conhecimento e formação moral e identidade da criança ligada às questões de ordem sexual.

De maneira geral, a Psicopedagogia está caracterizada a partir de objeto de estudo centrado na aprendizagem, caracterizado pela atuação Clínica (terapêutica) e Institucional (abrangência mais preventiva) tendo uma associação (ABPP) que descreve sobre os direitos e deveres do/a profissional. Além disso, a percepção psicopedagógica permite observar e detectar possíveis entraves na aprendizagem, investigando que dificuldades de assimilar conteúdos escolares intrinsecamente podem estar relacionadas com as questões sexuais.

4 A RELAÇÃO PSICOPEDAGÓGICA COM A EDUCAÇÃO SEXUAL

Trazer as questões do campo da sexualidade para o âmbito da Psicopedagogia é importante para que o conteúdo abordado nos projetos curriculares das graduações possa fazer referência aos conceitos da diversidade e inclusão social, ainda mais os/as discentes em formação e professores/as do curso adentrem com facilidade e de maneira a desmistificar algo que muitas vezes é entendido como promíscuo.

É importante que o/a psicopedagogo/a tenha a familiaridade com as questões da sexualidade e de gênero devido à proximidade de estudos sobre o processo de desenvolvimento infantil, do qual não se deixa de lado os aspectos psicosssexuais inerentes ao ser humano desde os seus primeiros anos de vida. Ainda como acréscimo deve promover intervenções no campo da promoção da educação sexual com escolares, considerando que a sexualidade envolve dimensões variadas de gênero, identidade sexual, reprodução, prazer, envolvimento emocional, prevenção e orientação sexual.

As informações (ou a falta delas) possibilitadas às crianças podem gerar culpa e ansiedade, da qual deverá levar a danos irreversíveis. Porém, quando há compartilhamento das informações com os/as discentes a partir de uma conversa sobre sexo, o conteúdo ajuda a possibilitar ainda quando criança uma visão de pessoa mais responsável e com melhores condições de administrar seus conflitos e medos; tem a probabilidade de errar menos por pensarem melhor e ainda poder ter uma vida sexual mais harmoniosa e preventiva.

4.1 REFLEXÕES SOBRE A GRADUAÇÃO DE PSICOPEDAGOGIA EM RELAÇÃO À EDUCAÇÃO SEXUAL

Desde o início da infância, as crianças estão interessadas em aprender sobre seus próprios corpos. Elas percebem as diferenças entre meninos e meninas e são naturalmente curiosas, das quais muitas vezes vai tocar seus próprios genitais quando estiverem sem roupa. Nesta fase de desenvolvimento, as crianças não têm modéstia, sendo identificados determinados comportamentos que são sinais de curiosidade “normal”, não consistindo em atividades sexuais, devendo ignorar o adulto a trazer repreensão ou punição.

Então, o que você deve fazer quando sua criança começa a se tocar? Cada família vai abordar isso em sua própria maneira, com base em seus valores, nível de conforto e estilo. Mas tenha em mente que sua reação à curiosidade de seu/sua filho/a irá transmitir se essas ações são "aceitáveis" ou "vergonhosas". Infelizmente, alguns/algumas pais/mães escolhem casualmente ignorar o autotoque ou redirecionar a atenção de uma criança para outra coisa. Outros podem querer reconhecer que, enquanto eles/elas sabem que se sente bem para explorar, é um assunto privado e não coerente para fazer em público.

Conhecendo sobre assuntos como esses, a educação sexual na Psicopedagogia é uma abordagem que necessita estar relacionada à história da sexualidade e desenvolvimento sexual humano; com a identidade e expressão de gênero e sexualidade; com as práticas sexuais e método de contracepção; com as infecções equidade sexualmente transmissíveis; aos direitos humanos objetivando-se na igualdade e social dos indivíduos que estão em constante aprendizado com a escola, a família e a sociedade, etc.

Tendo em vista que a sexualidade e a educação sexual são comuns a todos os seres humanos, é fundamental saber sobre as questões referenciadas ao contexto. A temática da educação sexual na formação do/a profissional de Psicopedagogia é necessária para haver discussões dos/as profissionais da área psicopedagógica, sobre como será abordado o indivíduo, havendo reflexões sobre sua prática específica às particularidades sociais. De fato, deve entender o processo de desenvolvimento psicosexual da criança e estar ciente das questões que esclareçam à criança dúvidas que podem surgir durante os estágios institucionais e nos atendimentos de sessões clínicas trazidos por grandes estudiosos/as, como é o caso de Freud (1856-1939).

É comum à criança com problemas de aprendizagem apresentar características em relação ao meio devido à confusão dos estímulos, à falta de ritmo, ou à velocidade com que

são acometidos pela pobreza, ou carência diretamente associado à instrução de trabalho e de acordo com um ritmo apropriado para cada aquisição (PAIN, 1992, p. 48).

De maneira geral, é importante que o/a psicopedagogo/a tenha ciência das noções sexuais pertinentes ao desenvolvimento da criança e que esteja preparado para intervir nos momentos em que, por exemplo, um garoto sinta-se ofendido por ser chamado de gay na frente dos/as colegas ou quando uma menina é impedida de usar brinquedos que normativamente são considerados para meninos.

Assim, acreditamos que o/a psicopedagogo/a, em sua formação, deve buscar informações que lhe assegure conhecimentos necessários a essas situações; respeitar a diversidade humana e práticas sociais; desmistificar os valores que defrontam com seus pensamentos e persistir no preparo às ocasiões que incubem na sexualidade da pessoa humana.

5 O CAMINHAR METODOLÓGICO

Devido à busca na captação do fenômeno em estudos acumulados na área da Psicopedagogia, a pesquisa trata-se de um estudo exploratório, descritivo e de abordagem qualitativa.

Por ser um tipo de pesquisa específica à área de estudo, quase sempre assume a forma de um estudo de caso (GIL, 2008). Como qualquer pesquisa, a prática exploratória depende também de uma pesquisa bibliográfica, pois mesmo que existam poucas referências sobre o assunto pesquisado, até porque não há uma pesquisa que começa totalmente do zero.

Com o intuito de contribuição à pesquisa, o estudo descritivo também pode se fazer composto no artigo, de maneira que, de acordo com Gil (2008), as pesquisas descritivas possuem como objetivo a descrição das características de uma população, fenômeno ou de uma experiência. É a partir da pesquisa qualitativa que se pretende responder às questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado (MINAYO, 2001).

5.1. TIPO DE PESQUISA

A pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc. A pesquisa qualitativa preocupa-se, portanto, com aspectos da realidade que não podem ser

quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais. (GERHARDT; SILVEIRA, 2009).

Na busca de caracterizar a abordagem tipológica da pesquisa, para Minayo (2001), a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

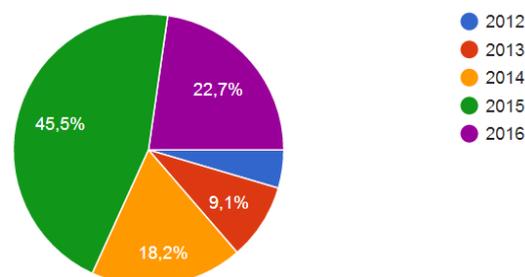
Quando há utilização de interrogação direta geralmente é concretizada por meio de um questionário semiestruturado. Desta forma, pesquisa de campo não possui um amplo alcance (próprio do levantamento), mas em compensação profunda muito mais a investigação do fenômeno, o que exige mais participação do pesquisador na investigação.

5.2 PARTICIPANTES

Vinte e nove pessoas foram selecionadas para participar da pesquisa a partir de um levantamento junto ao Departamento de Psicopedagogia, realizado no mês de fevereiro de 2017, dos quais foram analisados os Trabalhos de Conclusão de Curso realizados entre 2012.2 e 2016.1. Como critério principal de participação, buscou-se graduados/as em Psicopedagogia que atuaram ou estavam trabalhando, no período em que foi desenvolvida a pesquisa, na área institucional ou clínica. O contato com os/as participantes se deu de maneira informal através de redes sociais e, para o envio dos formulários, foi solicitado o e-mail de cada um dos contatados.

Dos vinte e nove participantes selecionados, vinte e dois responderam aos questionários completos. Em relação ao gênero, a maioria dos/as entrevistados/as eram mulheres (72,7%) e 27,3% eram homens. Os/As participantes tinham entre 21 e 54 anos de idade, com uma idade média de 28 anos. Mais da metade dos/as interrogados/as (55%) estava atuando na área de Psicopedagogia, dos/as quais/as apresentaram uma média de aproximadamente um ano e três meses de atuação dentre os/as profissionais.

Figura 1 – Ano de conclusão de curso dos participantes



5.3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa teve início a partir do levantamento de dados sobre trabalhos já realizados sobre a temática seguido da coleta de dados a partir da aplicação de questionários semiestruturados.

A etapa da revisão bibliográfica foi necessária à pesquisa como um norteamento das questões a serem trabalhadas neste artigo, a fim também de embasar teoricamente as discussões para a proposta da educação sexual no meio acadêmico e na prática do/a profissional da Psicopedagogia.

Como princípio de buscar informações externas (pesquisa de campo), houve um encaminhamento aos participantes um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para explicitar e firmar um acordo, ao sujeito voluntário/a, a fim de esclarecer a realização e o que propusera a pesquisa. Após tal formalização e aprovação, realizou-se um levantamento dos/as discentes (egressos) da graduação, agendado previamente, para apresentação do estudo e aplicação do(s) instrumento(s) de coleta de dados (pesquisa).

Quanto à aplicação do instrumento questionário executou-se no mês de abril, iniciando-se no dia três e finalizando-se no dia 17 do mesmo mês. A forma de coleta de dados foi a partir da plataforma do *Google Forms*³ a fim de possibilitar o acesso em qualquer local ou horário, a economia de espaço no disco rígido, o fato de ser gratuito e a facilidade de uso. Em seguida, os resultados eram gerados em formato de planilha e exportados para o modelo de planilha Excel.

Além disso, foi obtido o perfil dos/as participantes com o propósito de fornecer dados mais concretos acerca da população em estudo, permitindo não só a aquisição de um conhecimento mais profundo, mas caracterizando-os através do gênero, da idade e, dados relativos à experiência na atuação psicopedagógica.

5.4 INSTRUMENTOS

Foi adotado como instrumento de coleta de dados questionários semiestruturados, com o intuito de obter informações, chegando às concepções do sujeito sobre o assunto. Os questionários eram compostos de oito perguntas, sendo cinco de maneira subjetiva com respostas espontâneas e três perguntas objetivas sobre a temática de educação sexual

³ Aplicativo online e gratuito, utilizado para criar ferramentas de coleta e organização de dados.

compostas por categorias diferenciadas e séries de alternativas qualitativas, podendo haver mais de uma resposta correta

Não poderíamos deixar de mencionar que ocorreu o planejamento prévio do questionário, o conhecimento da disponibilidade dos/as participantes, condições favoráveis e oportunidade coletiva dos membros na disponibilização do questionário. Além disso, os/as participantes estiveram cientes dos objetivos e propostas da pesquisa, onde foi ressaltada a importância do sigilo das informações coletadas e suas contribuições voluntárias.

A aplicação do questionário se deu através da plataforma online *Google Forms* a fim de abranger e flexibilizar na participação dos/as integrantes salientando a liberdade das respostas quanto ao tempo e horário favorável às especificidades dos/as participantes. Foi necessária a aplicação de um pré-teste do questionário com o objetivo de prevenir possíveis inconsistências ou complexidades das questões, perguntas supérfluas que causem embaraços, excesso de perguntas e se, de fato, atingir os objetivos da pesquisa.

Para a compreensão acerca das questões da educação sexual na graduação, utilizou-se também do Projeto Pedagógico do Curso, por entender que os dados coletados e analisados permitiram a validação ou até mesmo o contrário das informações obtidas durante as entrevistas e a observação participante.

5.5 ANÁLISE DE DADOS

A análise dos dados foi do tipo conteúdo, da qual, de acordo com Bardin (2009), precisa-se de “um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens”. A intenção da análise de conteúdo é de ter conhecimentos relativos da produção (ou eventualmente, de recepção), podendo esta recorrer a indicadores quantitativos ou não.

Além disso, como já mencionamos foi utilizada a ferramenta de formulários do *Google Forms*, da qual apresenta recursos de auxílio na elaboração dos resultados, sendo uma das principais vantagens no seu uso à visualização dos dados coletados. As respostas que não exigiam conteúdo específico do/a participante ou composta por uma questão estruturada apareceram organizadas em um gráfico em formato circular, onde cada parte estava diferenciada por cores especificava determinada resposta a um/a respondente, como foi o exemplo da última questão.

6 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados obtidos serão apresentados e analisados a partir de uma adoção metodológica descrita, a ser dividida em três blocos construídos e agrupados a partir dos nossos objetivos da pesquisa. É importante ressaltar que a organização em blocos ajuda a entender a problemática do estudo. Foram os seguintes blocos:

- 1 - Como os/as profissionais formados/as em Psicopedagogia pensam e discutem as questões relacionadas à Educação Sexual;
- 2 - Situações vivenciadas pelos/as psicopedagogos/as que necessitaram de conhecimentos referentes às questões da sexualidade e gênero;
- 3 - Como os/as profissionais graduados/as em Psicopedagogia pensam a abordagem das questões da educação sexual e sua relação com o Projeto Pedagógico do Curso (PPC)?

6.1 Como os/as profissionais formados/as em Psicopedagogia pensam e discutem as questões relacionadas à Educação Sexual

A descrição sobre os aspectos relacionados à educação sexual é percebida, na maioria dos relatos, a partir dos fundamentos orgânicos e fisiológicos inerentes ao ser humano, citando o sistema reprodutivo masculino e feminino, a prática sexual e ações preventivas às infecções sexuais.

Foi identificado como abordagem biológica-higienista que, de acordo com participantes (P5, P6, P12, P14, P19), caracteriza a educação sexual como “*o estudo da reprodução humana, bem como anatomia do corpo humano e comportamentos que se relacionam a sexo*” (P6) ou o que foi relatado como um campo de “*instruções que levam a prática saudável do ato sexual*” (P14). Estas ideias são caracterizadas pela presença restrita ao biológico e que, de acordo com Furlani (2008), sempre esteve presente no trabalho da Educação Sexual na escola, através das aulas de ciências e Biologia, mas que é uma ideia “exclusiva”, gerando num currículo limitado e reducionista.

Tendo em vista a preocupação quanto ao conceito de Educação sexual, observamos na opinião da maioria dos/as profissionais que a caracterização deste conceito “*não deve se limitar apenas a orientações da prevenção de doenças ou infecções, é preciso estudar também a diversidade da orientação sexual e as múltiplas identidades de gênero*” (P8). Dessa forma, percebemos a preocupação de citar informações que envolvem a compreensão das

dimensões relacionadas à sexualidade, gênero, discussões quanto aos papéis sociais atribuídos, por exemplo, ao gênero feminino e masculino, identidade de gênero, problematização de brinquedos/brincadeiras que se/gregam as crianças quanto ao que é “*de menino e de menina*” (P10), além de esclarecimentos quanto às práticas de prevenção e cuidado do próprio corpo para o exercício consciente e saudável da sexualidade.

A inferência dada às questões sexuais pelos/as psicopedagogos/as fundamenta-se também no cuidado com pensamento da sociedade em tratar sobre o assunto sem gerar fatores inadmissíveis e intoleráveis, como objetivo de desmistificar certos tabus e dever-se entender que a educação sexual deve ser proferida em ambientes diversos, assim também transmitir a noção dos membros sociais em conhecer sobre o seu corpo e prazeres a fim de proporcionar desde cedo à criança, neste caso, que está na transição pra adolescência às alterações do seu corpo, e também trabalhar como se deve o ensino das regras de convivência social associados ao sexo, gênero e demais assuntos.

É visto também que os/as profissionais percebam a educação sexual como uma modalidade que “*faz parte da prática pedagógica*” (P16) e visa refletir com os aprendizes sobre a diversidade de orientação sexual, o respeito, o acolhimento, a compreensão dos conflitos internos e o enfrentamento ao preconceito dentro e fora das instituições educacionais. Além disso, o assunto na escola estaria enfatizado devido à ausência dos familiares em tratar e orientar os/as filhos/as, citando como “*dificuldades de tal assunto ser proferido na mesa de jantar*” (P11). A educação sexual é alegada, nestes casos, surgindo inicialmente nas escolas, devendo ultrapassar as paredes da sala de aula e trazer discussões e informações que unam a família em torno do assunto.

Ademais, a educação sexual para os/as psicopedagogos/as entrevistados/as é relacionada aos aspectos de sexualidade como um todo desde início de quando a criança começa a descobrir seu corpo e questões de diferença entre a menina e o menino, até sobre questões de identidade sexual, num momento de descritiva sobre o desenvolvimento na criança em relação às fases de desenvolvimento psicosssexual (nas teorias mais utilizadas no cenário científico brasileiro - ex.: a Psicanálise). Além disso, apresenta-se também a responsabilidade de cuidar de seu próprio corpo para que não ocorram situações indesejadas e esclarecer questões relacionadas ao sexo e preparar adolescentes para a vida sexual de forma segura e ao contexto do ambiente infanto-juvenil a ser discutido, tendo em vista que o/a psicopedagogo/a pode ser surpreendido/a por vivências e situações nas quais necessitarão a ciência das questões sexuais.

6.2 Situações vivenciadas pelos/as psicopedagogos/as que necessitaram de conhecimentos referentes às questões da sexualidade e gênero

Alguns/Algumas dos/as participantes relataram que não vivenciaram situações relacionadas às questões da sexualidade e gênero, dos quais a maioria deles/as eram psicopedagogos/as que haviam atuado em estágios ainda durante a graduação ou que tinham pouco tempo na prática psicopedagógica (entre um mês e seis meses de atuação).

Apesar disso, a necessidade dos conhecimentos relacionados à educação sexual de determinados/as profissionais deu-se na atuação nos estágios e observações para trabalhos científicos dos/as participantes que ainda não se encontravam em trabalho profissional como, por exemplo, “*o atendimento a uma criança que acabara de sair da fase edípica*” (P4).

De acordo com Freud (*apud* MIRANDA, 2013), o complexo de Édipo descreve os sentimentos de querer possuir a mãe e o desejo de substituir o pai. No entanto, a criança também teme que ele seja punido pelo pai por esses sentimentos. Este assunto, segundo o participante, lhe proporcionou um debate acerca dessa fase do desenvolvimento psicosssexual, retratado em algumas disciplinas ao longo da graduação em Psicopedagogia.

Além disso, uma participante relatou que, apesar de não ter passado pela situação, sempre lhe causava muita estranheza o fato da “*evasão escolar por vezes, ter a sensação de poder ser identificada a questão sexual, além da vulnerabilidade social*” (P12), e que infelizmente por falta de conhecimentos teóricos ligados à temática, relatou não ter segurança e conhecimento para seguir em frente com a investigação.

Mesmo ocorrendo casos que não passaram por situações que envolvesse assuntos sexuais, pôde ser identificado pela maioria dos/as profissionais as suas experiências em situações diferenciadas, tanto no contexto institucional quanto no atendimento clínico psicopedagógico.

Na prática institucional, foram identificadas situações que envolviam associações à precocidade sexual e formação de identidade de gênero. Uma dessas situações ocorreu com uma participante que recebeu uma demanda de um caso de um aluno de 10 anos com distorção de idade/ série que estaria se masturbando na sala e a professora não sabia como agir diante do fato e ainda “*temia que os colegas percebessem as práticas*” (P16), e que também não sentiu segura pra orientar os/as professores/as quanto a isso.

Outro caso acontecido na escola foi sobre a dificuldade de intervenção realizada por um/uma dos/as participantes, indicando que, em “*meninas que estavam passando por um processo de identificação de gênero*” (P20). Em seu relato, foi visto que era necessária uma

orientação junto com a psicóloga da escola, ocorrendo assim, o atendimento interdisciplinar da psicopedagoga com a outra profissional.

Em relação ao atendimento clínico, constata-se a presença mais aproximada da criança que é adotada como paciente e identificada com algum problema ou aspectos “*sintomatológicos*” (P4) pertinentes ao desenvolvimento sexual, que levam ao problema da aprendizagem. Em uma narrativa de uma psicopedagoga notamos o atendimento com pessoas com deficiência intelectual e Síndrome de Down, por exemplo, e que há também a terapêutica em indivíduos adultos, dos quais é mencionado como pacientes que “*frequentemente traziam questões sobre sexo e relacionamento*” (P13).

Outra demanda ainda percebida no depoimento de outra profissional foi no atendimento de uma criança que a professora se queixava que o mesmo ia frequentemente ao banheiro. Segundo a psicopedagoga participante da pesquisa:

A criança respondeu que ia ao banheiro por sentir um incômodo em seu órgão genital, mas que a professora repreendeu essa criança, constatando em relatório técnico. Entretanto, o relatório não informa aos pais da criança se eles deveriam buscar uma ajuda profissional na área de saúde, informa que a professora o colocou no cantinho da disciplina, sem ao menos ter interesse de querer saber o que estava causando tal incômodo e idas frequentes ao banheiro (P9).

Em continuidade a descrição do caso, o/a participante da pesquisa afirmou que, durante as sessões psicopedagógicas clínicas, a criança informou que ia ao banheiro porque queria ficar sozinha, pois estava triste.

De maneira geral, situações como essas não devem ser encaradas com pavor e tratadas intolerantemente punitivas. A insegurança é papel do laboratório das práticas do/a psicopedagogo/a, todavia estudar, pesquisar é o mínimo necessário para lidar com as complexas situações e que mesmo buscando conhecimento fora da graduação, esteja apto/a para orientar principalmente aos familiares e ao corpo educacional às diferentes circunstâncias e complexidades apresentadas pela criança.

Em suma, os/as participantes da pesquisa destacaram que há no início da adolescência uma caracterização de menor interesse em relação a seguir as rotinas escolares por questões relativas a mudanças no desenvolvimento psicosssexual. Daí, quando uma sexualidade mal compreendida nos seus valores éticos, estético, cultural e outras dimensões podem afetar as relações sociais e conseqüentemente acarretar em problemas de aprendizagens escolares.

6.3 Como os/as profissionais graduados/as em Psicopedagogia pensam a abordagem das questões da Educação Sexual e sua relação com Projeto Pedagógico do Curso (PPC)?

Nesta última parte é exposta à discussão sobre os assuntos com relação à temática da educação sexual, tomando por consideração os assuntos que são (ou poderiam ser) trabalhados a formação teórica e prática do/a psicopedagogo/a.

A alegação por parte da maioria dos/as participantes estava situada no relato de o curso não tratar o assunto com veemência, “*deixando um furo no aprendiz que depois não saberia lidar com seu dia a dia como profissional*” (P9). A preocupação com o/a discente, ainda na graduação é sempre levada a sua prática psicopedagógica com a educação sexual, devido às possíveis demandas que sejam necessárias intervenções terapêuticas no aprimoramento da aprendizagem e, mesmo não encontrando “conforto” adentro do curso, buscava atividades externamente que tivesse a ver com questões ligadas à sexualidade.

Mesmo sendo analisadas falas sobre ser pouco discutida no curso, parte dos/as participantes questionados/as acresce sobre componentes curriculares de a graduação tratar do tema que, mesmo não possuindo a iniciativa por parte do/a docente, a questão era introduzida “*pelos próprios alunos que abordaram o tema em seus seminários*” (P6) com a justificativa de ser ensinado que o/a graduando/a deve estar ciente das dificuldades e do que o indivíduo (discente/paciente) está passando no devido momento, já que cada indivíduo tem suas peculiaridades.

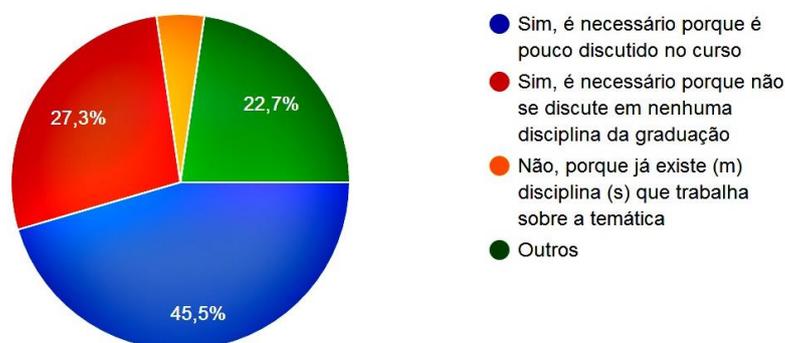
Desta forma, no PPC, desenvolvido em 2010, descreve sobre a caracterização e a organização, os ementários dos componentes e as práticas curriculares do curso e a ser explicado, em especial, a sua relação com as questões da educação sexual. Apoiado aos princípios fundamentais do curso, os pontos alusivos às indagações da sexualidade e gênero no curso apresentados pelos entrevistados são referentes às disciplinas da graduação, como é o caso da ementa curricular das disciplinas *Desenvolvimento Infanto-Juvenil, Psicopedagogia do Envelhecimento e Psicossociologia e Aprendizagem* que, respectivamente, objetiva-se no fundamento de teorias do desenvolvimento da criança e do adolescente a partir do “físico, intelectual, afetivo e social” (p.30) e, no estudo da velhice no campo da Psicopedagogia em favor do contexto familiar e qualidade de vida (p. 37), e no “estudo de problemas sociais e metodológicos da sociedade contemporânea e das instituições educacionais” (p. 32).

Mesmo que não sejam citados diretamente termos como, por exemplo, “sexualidade”, “educação sexual” ou “gênero” em inferência às ementas mencionadas, alguns dos/as participantes relatam que a temática é trazida por conta própria pelos/as docentes em relacionar o assunto como necessário, mesmo que, segundo os/as discentes, caracterize como “*superficial*” (P4, P21) ou que não abrange de “*modo pontual*” (P2). Ainda acrescenta que,

quando há a discussão, algumas das vezes são envoltos de “*tabu e dogmas religiosos*” (P8), incidindo sensações de incômodo em falar do tema.

No geral, há poucos docentes que no trabalho do psicopedagogo pode se confrontar com questões que não necessariamente estariam ligadas ao foco da formação e exigiriam conhecimento prévio por parte dos profissionais. Nas disciplinas, é identificado pela maioria dos participantes da pesquisa (45,5%) que no curso existe a discussão dos temas relacionados à educação sexual, mas que é pouco abordado, sendo caracterizado pelo gráfico a seguir:

Figura 2 – Você acha necessário ter no curso de Psicopedagogia componentes específicos que respaldem sobre as questões da Educação Sexual?



Fonte: Dados da pesquisa

Aqueles/as que responderam como “Outros” caracterizaram que não precisaria de disciplinas, sugerindo que as existentes poderiam ter em sua base (podendo ser interpretado pela ementa) algum texto que levasse a esse debate; ou que pudesse existir um componente curricular a ser ofertado como optativo no curso que abordasse às questões a educação sexual relacionada à prática psicopedagógica.

Em suma, o princípio de discussão ao tema é precípuo quanto aos problemas de aprendizagem decorrente de uma sexualidade “*mal resolvida*” (P10), como ao fato de o indivíduo usar nome social e não ser aceito na comunidade escolar ou por situações em que mulheres/meninas ao longo da vida sejam subestimadas em relação às habilidades de raciocínio lógico matemático, dentre outras situações que podem se tornar embates no processo de aprendizagem. Quanto ao PPC da graduação de Psicopedagogia, mesmo que sejam identificados assuntos relacionados com o desenvolvimento humano, o documento não apresenta ementas ou trechos que citam sobre a prática do ensino das questões sexuais desde a criança até o envelhecimento humano, tendo em vista que há disciplinas, por exemplo, relacionada com o desenvolvimento infanto-juvenil.

A partir do que é compreendida na prática educacional, a Psicopedagogia se destaca por ser interdisciplinar e conseguir reunir vários conhecimentos e pelas questões da educação sexual influenciar na aprendizagem. Então, o/a profissional formado/a em Psicopedagogia deve ter a oportunidade e interesse no aprofundamento desta temática, tendo com isso a capacidade de identificar e correlacionar algumas dificuldades na socialização e aprendizagem do educando com questões relacionadas à educação sexual, mas que por falta de preparo, formação teórica, metodológica e ainda uma questão social (pudor), muito pouco identificado e investigado pelos/as profissionais em Psicopedagogia.

A fim de contextualizar a prática do/a psicopedagogo/a, Pinto (1999) dedica-se a questionar e explicar a respeito sobre a importante ação do trabalho multidisciplinar e na forma que a Psicopedagogia se apresenta, de maneira que “a orientação sexual poderá ser uma das armas da Psicopedagogia, principalmente se levarmos em conta a enorme importância que a sexualidade tem no que se refere à identidade de cada pessoa” (PINTO, 1999).

Os/as psicopedagogos/as veem a *práxis* profissional como aquela que trabalha com o ser humano em seu desenvolvimento e evolução, e a partir desse desenvolvimento é que são percebidas as primeiras modificações orgânicas do indivíduo, fazendo-se assim necessário que o/a psicopedagogo/a esteja preparado/a para qualquer situação relacionada à temática. Desta forma, de acordo com um/a dos/as participantes, caracteriza-se como aquela que:

[...] estuda o processo de aprendizagem ao qual o sujeito cognoscente deve ter autonomia dos seus passos e tenha em si uma formação crítica que lhe permita ter emancipação social, cognitiva e cultural, o conhecer a própria sexualidade contribui para a formação da identidade desse sujeito e conseqüentemente teremos um sujeito social empoderado e consciente da importância da educação sexual e apreensão de conceitos concernentes (P10).

Nesse sentido, as opiniões, de maneira geral, apresentaram-se de maneira diversificada quanto à temática ser disposta na prática psicopedagógica. Desta forma, há participantes que acreditam ser importante ao/a psicopedagogo/a, pois situações que dependerão de uma explicação quanto ao assunto podem surgir à medida que meninos e meninas ao longo do desenvolvimento humano passam por fases psicosssexuais, cabendo ao/a psicopedagogo/a compreender as características das mesmas para que o objeto "aprendizagem" seja estudado em sua completude.

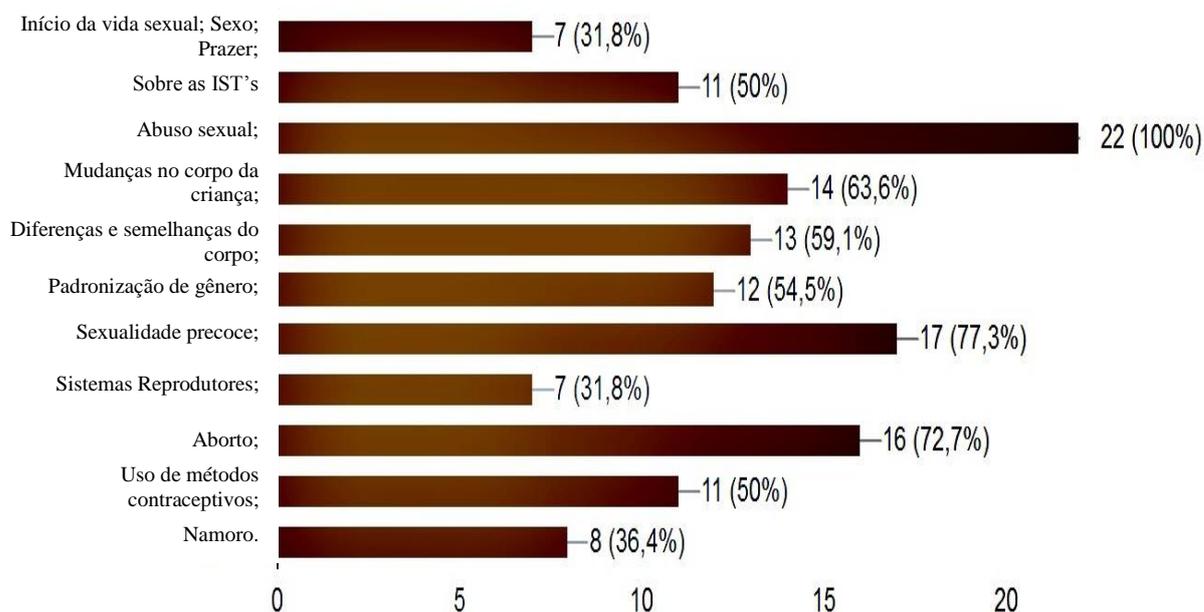
Em algum momento na instituição podem surgir dúvidas em relação às questões da sexualidade, fazendo *jus* o/a psicopedagogo/a ter o entendimento para que, havendo a necessidade, dar-se-á orientação básica ao/a professor/a, aos pais ao/à aluno/as.

É importante o entendimento dos/as psicopedagogos/as sobre orientações e atitudes interventivas em relação à educação sexual, tendo em vista que requer um preparo técnico e humanitário para lidar com demandas, as quais costumam ser tratadas com desdém ou preconceito, das quais durante o transcorrer da profissão, exercerá atividades nos mais diversos tipos de dificuldades de aprendizagem ocasionadas pela violência interna ou externamente à escola, como é o caso dos debates relacionados ao bullying e aos abusos sexuais. Além disso, que o/a profissional saiba dar orientações à família e professores/as de como intervir, por exemplo, em algumas síndromes que aguçam mais a sexualidade, como podem ser encontrados alguns casos da Síndrome de Down e do Autismo.

De acordo com Agripino (2014), o ressaltar sobre os comportamentos que denotam uma impulsividade sexual são decorrentes muito mais da história de vida desses indivíduos – marcada por falta de orientações e de estímulos sociais - do que pelo fato de terem a síndrome de Down.

A perceptibilidade nos temas é trazida como um fator principal de o/a participante (ainda como graduando) apresentar noções de conhecimento relacionadas às disfunções e violência sexual que a criança, como é o caso do Abuso Sexual (100%) e a sexualidade precoce (77,3%).

Figura 3 - Se necessário, qual/quais desse(s) temas abaixo PODERIAM ser trabalhados dentro da Educação Sexual no curso de Psicopedagogia?



Fonte: Dados da pesquisa

Outros assuntos apresentaram dados (figura 2) em que a metade e pouco mais da metade (em alguns casos) dos/as participantes citaram sobre as questões biológicas e

higienista (Sobre as IST's (50%) e formas de evitar gravidez e uso de métodos contraceptivos (50%), além de temas que descrevem sobre as mudanças ocorridas em meninos e meninas - Mudanças no corpo da criança quando chegam à adolescência (63,3%), as diferenças e semelhanças entre homens e mulheres (59,1%) e a padronização social de gênero (54,5%)). Ademais, temas relacionados sobre orientações a vida sexual (31,8%), as relações sexuais, namoro (36,4%) e aos sistemas reprodutores (31,8%), foram menos sinalizados pelos/as participantes.

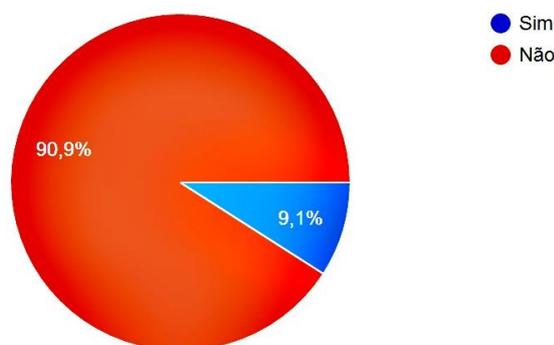
Acrescentando a discussão do contexto, perguntamos aos/as participantes se poderia haver alguma outra temática que suportasse com melhor embasamento aos pontos da educação sexual. Mesmo que fosse constatada não sendo necessários outros assuntos (18,1%), a maioria dos/as participantes ofereceram outros tópicos em adição ao que poderia ser tratado na formação do/a profissional ainda na graduação.

Quando se fala sobre o assunto, são merecidas algumas considerações dos/as participantes (36,3%) que as questões relacionadas à igualdade de gênero e sexualidade é caracterizada muitas vezes pelo machismo e empoderamento feminino, ainda abordando os assuntos como "tabu" social ou porque também *“as pessoas confundem muito orientação sexual com o processo de formação da identidade de gênero”* (P8).

Em acréscimo ao assunto, é importante o debate sobre que a violência e do abuso sexual, especialmente na escola, do quais os profissionais da educação enfrentam situações como preconceito e *bullying* com adolescentes que *“têm opções sexuais diferentes do padrão”* (P17), podendo ser fatores que influenciem diretamente na aprendizagem, sendo estas boas opções que podem se *“encaixar na área psicopedagógica”* (P14), havendo respaldo a temática no relacionamento de outros/as profissionais, de um trabalho através da equipe multidisciplinar. Há fomentação de amparo à aprendizagem de estratégias que possibilitam o/a psicopedagogo/a abordarem esta temática, havendo o que pode ser chamado de *“mediação psicopedagógica”* (P15) nas questões de gênero e sexualidade também relacionados, por exemplo, às pessoas com deficiências e orientação aos pais ou responsáveis de como instruir seus/as filhos/as.

Levando em consideração que os temas brevemente elencados anteriormente não são vistos com aprofundamento significativo ou deixados de lado tanto pelo currículo de graduação do curso quanto posteriormente desconsiderado do meio de exercício profissional do/a psicopedagogo/a, em uma questão concedida aos participantes, é percebido que, de modo quase unânime, o/a profissional não está preparado/a para lidar com questões da educação sexual (Figura 3).

Figura 4 - De maneira geral, você acredita que na formação da graduação em Psicopedagogia, o/a psicopedagogo/a é preparado/a para lidar com circunstâncias referentes à Sexualidade e Educação Sexual?



Fonte: Dados da pesquisa

Concluimos que, assuntos que tratam sobre a sexualidade e educação sexual na amplitude dos campos profissionais, principalmente quando envolve a formação teórica e prática do/a psicopedagogo/a são importantes, pois este/a profissional tanto atua em clínicas (individual) como em instituições (coletivo). Nesses espaços, a diversidade humana e sexual é inúmera, tanto de idade, como de orientação sexual.

Assim sendo, a educação sexual, especificamente na escola, vem para orientar professores/as e alunos/as quanto a essas diversidades, quanto ao que possa ser sexo, sexualidade, orientação sexual e os modos de prevenção quanto às relações sexuais e às questões biológicas, morais e direitos em prol do favorecimento igualitário de todos e todas na sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo teve como principal objetivo de compreender o entendimento dos profissionais graduados em Psicopedagogia em função da relação com a educação sexual na formação e prática psicopedagógica, analisando os relatos de como descrevem e discutem as questões relacionadas à sexualidade e gênero no curso; as percepções sobre o conceito de educação sexual e a relação com a Psicopedagogia; e de qual forma aparecem às questões da sexualidade e gênero no currículo do curso de Psicopedagogia.

A partir desta perspectiva, o decorrer da pesquisa teve início a partir do levantamento de dados sobre trabalhos já realizados sobre a temática seguida da coleta de dados a partir da

aplicação de questionários semiestruturados aos graduados a fim de concretizar a proposta deste estudo.

A forma de planejamento da pesquisa apresentou alguns impasses por causa dos critérios de inclusão de participantes se apresentarem de muito criterioso, precisando de tempo adicionado na coleta de dados caso não fosse encontrado um número suficiente de participantes. Além disso, foi encontrada carência de estudos psicopedagógicos relacionados à educação sexual, dificultando a etapa da fundamentação teórica e algumas discussões durante a análise. Apesar de encontrado determinados empecilhos, este trabalho supera as expectativas de análise e objetivo de um estudo que se encontra em andamento para futuras pesquisas. É importante que pesquisas como esta sejam desenvolvidas e que, assim como todo estudo, haja significação a partir de outro contexto com sujeitos de diversas áreas sociais possa se fazer reflexivo e de significativa contribuição.

Quanto às considerações dos/as participantes da pesquisa, a educação sexual está relacionada aos aspectos de sexualidade como um todo desde início de quando a criança começa a descobrir seu corpo e questões de diferença entre a menina e o menino, perpassando às questões de identidade sexual, em um momento de descritiva sobre o desenvolvimento na criança. Apresenta-se também, na responsabilidade de cuidar de seu próprio e no esclarecimento de questões relacionadas ao sexo e preparar adolescentes para a vida sexual de forma segura e ao contexto do ambiente infanto-juvenil a ser discutido.

A maioria dos/as participantes cita as suas experiências em situações diferenciadas, tanto no contexto institucional quanto no atendimento clínico psicopedagógico, dos quais é evidenciada a orientação à em trabalhar com as complexas situações e que mesmo buscando conhecimento fora da graduação, esteja apto para orientar principalmente aos familiares e ao corpo pedagógico às diferentes circunstâncias e complexidades apresentadas pelo ser humano.

A Psicopedagogia se destaca por ser interdisciplinar e conseguir reunir vários conhecimentos, além disso, é muito nítido que a questão sexual influencia na aprendizagem, com isso é importante que o/a psicopedagogo/a tenha a oportunidade de se aprofundar nessa temática, tendo com isso a capacidade de identificar e correlacionar algumas dificuldades na socialização e aprendizagem do educando com questões relacionadas à educação sexual, mas que por falta de preparo e ainda uma questão social (pudor), muito pouco identificado e investigado pelos/as participantes da pesquisa.

É imprescindível que o/a profissional, principalmente dessa área da Psicopedagogia, conclua o curso de graduação com um fundamental conhecimento teórico e metodológico de como trabalhar esse tema sem preconceito e livre de tabus para que na prática se tenha

condições de desenvolver trabalhos sobre educação sexual. Fatores que idealizam e remete à preocupação como a discriminação e luta social a favor da igualdade nas escolas é o que muitas vezes contribuirá ao respeito à diferenciação de pessoas; ao respeito, por exemplo, àquela criança que é violentada com duras palavras por simplesmente ser o “viadinho” da turma ou não saber lidar com situações de precocidade sexual.

A propósito, não podemos tratar a sexualidade como se fosse apenas uma temática biologizante, limitando em normal e patológico. É preciso estudar como se dar a constituição da psique humano, compreender o processo de formação da identidade de gênero para assim, compreendermos a diversidade tanto de identidade de gênero como de orientação sexual.

Portanto, torna-se essencial ainda compreender também que fatores sociais e culturais interferem diretamente na educação sexual, a exemplo de discursos machistas, sexistas, homofóbicos e outros que ainda encontram-se presentes na sociedade que por muito tempo naturalizou a violência de gênero. Assim, a escola como formadora de e para a cidadania precisa assumir seu papel de agente transformador em prol da construção de uma sociedade mais justa, respeitosa e plural para todos e todas.

**“... IT IS NOT ALL ONLY SEX”: THE SEXUAL EDUCATION IN
PSYCHOPEDAGIC PRACTICE**

ABSTRACT

Knowing that in the social context the manifestations of sexuality are present and that they are related to learning, the Psychopedagogue is faced by situations that generate questioning and dialogue about the subject. In this perspective, this article has the general aim to comprehend the understanding of graduated professionals in Psychopedagogy in function of the relationship with the Sexual Education in psychopedagogical formation and praxis. In addition, the article is structured in three axes of theoretical basis, from which it is seen, in the first moment, the emphasis on the issues of Sexual Education by Furlani (2011); and in the second and third part, authors such as Bossa (2007), Weiss (2007) and Pain (2013) clarify the large area of Psychopedagogy and the relation with Sexual Education. The article is an exploratory study, developed with graduates in Psychopedagogy, adopting questionnaires and the document of the PPC of the course in relation to questions of Sexual Education in the practice and formation of the Psychopedagogue. In general, this article provides a view of sex education in relation to the practice of the Psychopedagogue, still composing a discussion of the research carried out with professionals about sex education, policies that shapes it and how it can be inferred from practice and professional formation. The opinions, in general, presented themselves in a diversified mode about the topic being reported as essential for the understanding of different learning problems. It is indispensable that the Psychopedagogue completes the course cognizant of theoretical knowledge so that in practice it is able to develop good studies on sex education.

Keywords: Sexual Education. Psychopedagogy. Psychopedagogical Practice.

REFERÊNCIAS

AGRIPINO, Cibele Shirley; SALOMÃO, Nádia Maria Ribeiro. **Autismo e Síndrome de Down: concepções de profissionais de diferentes áreas.** *Psicol. estud*, v. 19, n. 1, p. 103-14, 2014.

ÁLVAREZ, J. Arias; MORÁN, V. Granda; DIÉGUEZ, I. Málaga. **La intervención psicopedagógica.** *Bol Pediatr* 2010; 50: 314-323. Disponível em: <http://sccalp.org/documents/0000/1683/BolPediatr2010_50_314-323.pdf>. Acesso dia 07 de março de 2017.

BARDIN, Lawrence. **Análise de Conteúdo.** Lisboa, Portugal; Edições 70, LDA, 2009.

BOSSA, Nádia Aparecida. **A psicopedagogia no Brasil: contribuições a partir da prática.** 2ªed. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: pluralidade cultural, orientação sexual.** Brasília, DF, 1997.

FELIZARI, G.M.C. **Enfermagem escolar e educação sexual para adolescentes.** Rio de Janeiro, 1989. 223p. Dissertação (Mestrado) - Escola de Enfermagem Anna Nery, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade A Vontade de Saber** (Vol. 1). Rio de Janeiro: Graal, 1999. 13ªEd. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/1226/foucault_historiadalsexualidade.pdf>. Acesso dia 05 de março de 2017.

FURLANI Jimena. **Educação Sexual na sala de aula: relações de gênero, orientação sexual e igualdade étnico-racial numa proposta de respeito às diferenças.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

GALLINA, Camila Paula; DA COSTA, Gisele Maria Tonin. **A Atuação do Psicopedagogo: Importância E Contribuição Para Uma Aprendizagem Significativa.** Vol. 9 – Nº 20 - Julho - Dezembro 2014. Disponível em: <http://www.ideal.com.br/getulio/restrito/upload/revistas_artigos/221_1.pdf>. Acesso dia 05 de março de 2017.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (org.). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>>. Acesso dia 30 de março de 2016.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5ªed. São Paulo: Atlas, 1999.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5ªed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES, Antônio Maspoli de Araújo. As Representações Sociais do Corpo e da Sexualidade no Protestantismo Brasileiro. **Revista Eletrônica Rever** v. 16, n. 3 (2016). Publicação online disponível em: <http://www.pucsp.br/rever/rv1_2006/t_gomes.htm>. Acesso dia 22 de fevereiro de 2017.

LOURO, Guacira. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

LOURO, Guacira. **Gênero, sexualidade e educação – Uma perspectiva pós-estruturalista**. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

MIRANDA, Alex Barbosa Sobreira de. **Uma Breve Compreensão sobre o Complexo de Édipo**. 2013. Disponível em: <<https://psicologado.com/abordagens/psicanalise/uma-breve-compreensao-sobre-o-complexo-de-edipo>>. Acesso dia 3 de março de 2017.

MOIZÉS J. S., BUENO S. M. V. Compreensão sobre sexualidade e sexo nas escolas segundo professores do ensino fundamental. **Revista Escola Enfermagem USP**. 2010; 44(1): 205-12.

MONTARDO J. A escola e a educação sexual. La Salle. **Revista de educação, ciência e cultura**. 2008.

NUNES, César Aparecido. **Desvendando a Sexualidade**. 7ª ed. Campinas: Papyrus, 2005.

OLIVEIRA D.C., PONTES A. P. M., GOMES A. M. T., RIBEIRO M. C. M. **Conhecimentos e práticas de adolescentes acerca das DST/HIV/AIDS em duas escolas públicas municipais do Rio de Janeiro**. Esc. Anna Nery. 2009.

PAÍN, Sara. **Diagnóstico e tratamento dos problemas de aprendizagem**. 4ªed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

PAOLETTI, Bianca. **Homossexualidade**: um lugar na cultura e na Psicanálise. São Paulo: PUC-SP, 2007.

PINTO, Ênio Brito. **Orientação Sexual na Escola**: a importância da psicopedagogia nessa nova realidade. 1ª ed. Gente, 1999.

SERVELO, Cristina Aparecida Beccari. **Orientação Sexual**: o papel do professor e a importância da psicopedagogia na sua abordagem. Curitiba, 2007. Disponível em: <<http://tcconline.utp.br/wp-content/uploads/2011/04/orientacao-sexual.pdf>>. Acesso dia 20 de outubro de 2016.

SILVA R. C. P., NETO J. M. Formação de professores e educadores para abordagem da educação sexual na escola: o que mostram as pesquisas. **Ciência e Educação**. 2006. p.185-197.

SOUZA, MM; et al. Qualificação de professores do ensino básico para educação sexual por meio da pesquisa-ação. **Ciência, Cuidado e Saúde**. 2010.

UNESCO. **Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas** / Rogério Diniz Junqueira (organizador). – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. 2009.

WEISS, Maria Lúcia Lemme. **Psicopedagogia Clínica** - uma visão diagnóstica dos problemas de aprendizagem escolar/ Maria Lúcia Lemme Weiss. – 12ª ed. rev. e ampl. - Rio de Janeiro: Lamparina, 2007.

APÊNDICE A
QUESTIONÁRIO SEMIESTRUTURADO

Perfil

1. Nome (optativo): _____
 2. Gênero: _____
 3. Idade: _____
 4. Ano de conclusão do curso: _____
 5. Está atuando ou já atuou na área? () Sim () Não
 6. Se sim, tempo de atuação: _____
7. Explique o seu entendimento por educação sexual.
8. Os assuntos com relação à temática da Educação Sexual são importantes na formação teórica e prática do/a psicopedagogo/a? Comente.
9. Durante o seu período de estudante no curso de Psicopedagogia houve discussões sobre a temática da sexualidade, gênero e assuntos afins? Como foi abordado?
10. Você acha necessário ter no curso de Psicopedagogia componentes que respaldem sobre as questões da Educação Sexual?
- () Sim, é necessário porque é pouco discutido no curso
- () Sim, é necessário porque não se discute em nenhuma disciplina da graduação
- () Não, porque já existe (m) disciplina (s) que trabalha sobre a temática
- () Outro _____
11. Se necessário, qual/quais desse(s) temas abaixo PODERIAM ser trabalhados dentro da Educação Sexual no curso de Psicopedagogia?
- () Como e quando iniciar a vida sexual; Relações sexuais; Prazer;
- () Sobre as IST's (AIDS, HPV, Herpes, Gonorreia, outras);
- () Mudanças no corpo da criança quando chega na adolescência;
- () Abuso sexual;
- () Diferenças e semelhanças entre homens e mulheres; Masturbação; Menstruação;
- () Padronização social de gênero;

- Sexualidade precoce;
- Sistemas Reprodutores (funcionamento do pênis e vagina);
- Aborto;
- Formas de evitar gravidez e uso de métodos contraceptivos;
- Namoro.

12. Além dos assuntos citados acima, que outras temáticas da Educação Sexual você como Psicopedagogo/a sugeriria no curso de Psicopedagogia? Por quê?
13. Durante a prática psicopedagógica, em alguma situação você necessitou de conhecimentos referentes às questões da Sexualidade e Educação Sexual? Caso sim, como foi a experiência? Sentiu-se seguro/a? O que você fez diante da situação?
14. De maneira geral, você acredita que na formação da graduação em Psicopedagogia, o/a psicopedagogo/a é preparado/a para lidar com circunstâncias referentes à Sexualidade e Educação Sexual?
- Sim Não

APENDICE B**MODELO DE TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE****Prezado/a Senhor/a,**

Esta pesquisa é sobre A Compreensão de discentes sobre a Educação Sexual na Graduação em Psicopedagogia e está sendo desenvolvida por Ylanderson Jordão Abreu da Silva, do Curso de Psicopedagogia da Universidade Federal da Paraíba, sob a orientação do Prof. Joseval dos Reis Miranda do curso de licenciatura em Pedagogia.

Os objetivos do estudo estão relacionados em compreender o entendimento dos/as profissionais em relação à Educação Sexual na graduação de Psicopedagogia através da análise de como os/as psicopedagogos/as pensam e discutem as questões relacionadas à temática. Este trabalho tem relevância em relatar sobre Educação Sexual para que a sociedade, englobando o corpo acadêmico, se “acostume” e desmistifique a as questões como um fator proibido entre adultos e crianças, sendo questões inerentes ao ser humano e ao (à) profissional psicopedagogo/a.

Solicito a sua colaboração em responder o questionário, como também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em possíveis eventos da área de educação e publicação em revista científica nacional e/ou internacional. Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo absoluto.

Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, o/a senhor/a não é obrigado/a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelo pesquisador. Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano. O pesquisador estará a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Assinatura do/a pesquisador/a responsável

Considerando, que fui informado/a dos objetivos e da relevância do estudo proposto, de como será minha participação e dos procedimentos, declaro o meu consentimento em participar da pesquisa, como também concordo que os dados obtidos na investigação sejam utilizados para fins científicos (divulgação em eventos e publicações). Estou ciente que receberei uma via desse documento.

João Pessoa, ____ de _____ de _____.

Assinatura do participante ou responsável legal

Contato com o Pesquisador Responsável:

Fone: (83) 98729-2989 (Whatsapp)
E-mail: ylanderson16@hotmail.com

AGRADECIMENTOS

Na realização deste artigo, pude ter o apoio das diversas formas possíveis das pessoas e instituições às quais estou muito agradecido. Havendo o risco de esquecimento de algumas pessoas que participaram, quero deixar meus agradecimentos:

Ao meu amigo e orientador Dr. Joseval dos Reis Miranda, pelo acolhimento e apoio extremamente importante na orientação, pelo seu incentivo, disponibilidade e muita muita paciência meeeesmo.

Às professoras, Dra. Mariana Lins de Oliveira e Dra. Jeane Félix da Silva, pela sua disponibilidade em fazer parte da comissão avaliadora, e pelo tempo preciosíssimo dedicado a este artigo.

Em particular, gostaria de agradecer a quatro amigos/as por contribuições especiais: Erinaldo Filho, por apresentar sempre um sorriso mesmo eu estando ausente, enquanto eu sacrificava os dias, os finais de semana e os feriados para a elaboração do trabalho; à Marcos Pereira pela paciência e dedicação em revisar todo o trabalho e de ter cedido seu notebook no momento em que o meu havia quebrado; e Andrea Jussara, é claro!!! Por toda a diversão que tivemos e pelo companheirismo de anos na graduação.

Agradeço também a Maria Aparecida por ter caminhado ao meu lado, pela sua paciência, compreensão e ajuda prestada durante a elaboração da presente artigo. Também a todos/as aqueles/as que se dispuseram a me ajudar.

À todos/as psicopedagogos e psicopedagogas que participaram da pesquisa, pela disponibilidade, paciência e dedicação.

Muitas pessoas têm contribuído para a minha educação. Então, meus agradecimentos também vão às educadoras e educadores do curso de Psicopedagogia pelo tempo prestado ao lecionar cada componente do curso.

Agradeço à UFPB e a todos/as que me proporcionou a oportunidade de estudar o ensino qualidade, em especial, a Herbênia, que tinha o prazer de sorrir e me acolher com a sua simpatia às minhas idas à coordenação.

Não poderia deixar de agradecer à minha família, aos meus pais, Maria Ilene e Silvino Jordão, pelo amor incondicional... E minhas irmãs, Ilany Kaliny e Yanne Jordânia, por todo o apoio econômico, pela força e pelo carinho que sempre me prestaram ao longo de toda a minha vida acadêmica, bem como, à elaboração do presente artigo.

Enfim! Agradeço a dádiva gigantesca que é poder compartilhar a vida com pessoas tão maravilhosas como os amigos e amigas que sempre tive a sorte de ir encontrando pela vida. Pessoas que são um tesouro precioso, uma felicidade constante. A todos o meu sincero e profundo Muito Obrigado!